

Um engenho pronto para entrar em atividade ou um aparelho destrambelhado, habitualmente reclamando conserto?

Um colaborador das boas obras ou um agente de pessimismo, congelando as energias do grupo?

Um instrumento do bem ou um canal para as influências menos felizes?

Um companheiro no auxílio aos outros ou um tarefeiro que somente busca as próprias obrigações, quando a enfermidade ou a provação lhe batem à porta?

Um tronco para esteio firme dos irmãos que passam cansados e sofrendores, nos caminhos da vida, ou uma sensitiva que se fecha em melindres, ao toque da primeira contrariedade?

Uma alavanca de apoio ou uma escora sem qualquer resistência?

Pergunte o médium a si mesmo o que representa ele na equipe de ação, que foi chamado a integrar, e reconhecerá facilmente o que tem sido e o que pode ser, à frente do próximo, a fim de que os talentos mediúnicos, por empréstimos do Senhor, não lhe brilhem na vida em vão.



QUESTÕES DO COTIDIANO

"... E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal..." — Jesus.

(Mateus, 6:13.)

Se fomos injustamente desconsiderados por alguém, não será mais razoável deixar esse alguém com a revisão do gesto irrefletido, ao invés de formularmos exigências, nas quais viremos talvez unicamente a perder a própria tranquilidade?

Se fomos ofendidos, porque não nos colocarmos, por suposição, no lugar daquele que nos fere, a fim de enumerar as nossas vantagens e observar, com silencioso respeito, os prejuízos que lhe dilapidam a existência?

Se incompreendidos, não será mais aconselhável empregar o tempo, trabalhando na execução dos deveres que esposamos, ao invés de fazer barulho para descerrar prematuramente a visão dos outros, às vezes com agravo de nossos problemas?

Se criticados, em razão de erros



nos quais tenhamos incorrido, por que não nos resignarmos às próprias deficiências, retomando o caminho reto, sem reações e provocações que somente dificultariam a nossa caminhada para a frente?

Se abatidos na provação ou na enfermidade, porque insurgir-nos contra as circunstâncias temporariamente menos felizes a que nos encadeamos, desprezando as oportunidades de elevação, em nosso próprio favor?

Em quaisquer lances difíceis do cotidiano, adotemos serenidade e tolerância, as duas forças básicas da paciência, porquanto, se não prescindimos da fé raciocinada, para não cairmos na cegueira do fanatismo, precisamos da paciência, meditação e auto-análise, a fim de que não venhamos a tombar nos desvarios da inquietação.



NA ESCOLA DIÁRIA

"Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados..." — Jesus.

(Mateus, 6:34)

A paciência em si não se resume à placidez externa que estampa serenidade na face e conserva o pensamento atormentado e convulso.

Indubitavelmente, semelhante esforço da criatura, na superfície das manifestações que lhe dizem respeito, é o primeiro degrau da paciência e deve ser louvado pelo bem que espalha.

Paciência real, entretanto, não é feita de emoções negativas dificilmente refreadas no peito e suscetíveis de explosão. Tolerância autêntica descende da compreensão e todos possuímos, no íntimo, todo um arsenal de raciocínios lógicos, a fim de garantí-la por cidadela de paz na vida interior.

Em qualquer dificuldade com que sejamos defrontados, não aufferemos efetivamente qualquer lucro,

